

O futuro das Bibliotecas Públicas

Sónia Pereira (*)

Estarmos juntos: é um começo

Continuarmos juntos: é um progresso

Trabalharmos juntos: é a chave do sucesso!”

(autor desconhecido)

Coberto praticamente todo o país com a Rede Nacional de Leitura Pública a uma velocidade e abrangência incríveis (em cerca de três décadas, ela oferece conhecimento, lazer e informação a leitores dos 0 aos 100 anos), e embora a nível regional as bibliotecas tenham ainda de estreitar uma política concertada de cooperação interinstitucional, a realidade americana de extinção de alguns destes equipamentos culturais e a inglesa com atuais campanhas, por parte de leitores de todas as idades, profissões, nacionalidades, sexo e religiões, pela defesa destes organismos que acrescentaram mais saber e sabor às suas vidas, impõe-nos a questão da transformação das bibliotecas vs extinção.

Diálogo, estratégia, coordenação e complementaridade são, portanto, palavras-chave na vida das bibliotecas, sendo que para evitar esta situação nos próximos 15, 20 anos é crucial que a Biblioteca responda, cada vez mais, às necessidades das pessoas e crescente valor à vida dos leitores, caminhando também cada vez mais para a prática do “Just in time” em detrimento da prática “Just in case”, em termos de aquisição e tratamento documental. Estes aspetos não espelham senão a necessidade de uma abordagem centrada sobretudo no leitor e não no livro: uma biblioteca de e para pessoas, com repercussões quer na (re)estruturação de formações profissionais e académicas da área (felicitá-se, nesta ótica, a abertura da Pós-Graduação em *Promoção e Mediação de Leitura*, em 2009, na Universidade do Algarve, uma vez que em território português mesmo as formações nesta área apenas contemplavam o público infanto-juvenil, descurando o adulto), quer na arquitetura do edifício, design do mobiliário, arrumação documental e conceção de projetos.

Ao desafio desta viragem definitiva parecem-nos imprescindíveis:

1 - profissionais qualificados e apaixonados [com a dose de empenho, constante atualização e uso de técnicas e ferramentas oriundas também de outros quadrantes do conhecimento (como o benchmarking, o CRM – Customer Relation Management - ou a análise SWOT) para o funcionamento das bibliotecas), e a imprescindível dose de criatividade e inovação que os caracteriza];

2 – uma efetiva formação de públicos (com os necessários estudos prévios e regulares do mesmo, em termos de caracterização educacional e sócio-etária, gostos e tendências, afluência geral e afluência às atividades culturais), numa relação equilibrada entre opções estéticas, éticas e filosofia da Biblioteca e o seu público;

3 - uma política de financiamento assente no pagamento, por parte dos leitores, de certas atividades culturais ou de uma simbólica taxa anual de leitor, a aposta no mecenato, na organização de grandes eventos com recurso a *outsourcings* (como o Festival literário da Madeira, que contou com os *Booktailors*), valorizando-se mais, desta forma, o ato cultural;

4 – melhoria das estratégias comunicacionais da Biblioteca, através de sinalética clara e das novas Tecnologias de Informação para ampliar a possibilidade de espriar a informação por novos públicos e através das redes sociais desenvolver discursos certos.

É que se pensar é existir, ler é ter maior consciência da nossa existência e humanidade neste jogo da vida que, se não for sentido, refletido e constantemente reformulado, não é

devidamente valorizado e é só da mais genuína vida que afinal a literatura, os livros e bibliotecas condensam...

(*) Programadora e mediadora de leitura. Sócia da AGECAL.